



***SAMBA NA ESCOLA  
CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA***

***SAMBA EN LA ESCUELA  
CULTURA POPULAR Y EDUCACIÓN ANTIRRACISTA***

***SAMBA AT SCHOOL  
POPULAR CULTURE AND ANTIRACIST EDUCATION***

*Albert Alan de Sousa Cordeiro<sup>1</sup>*

*Lucia Isabel da Conceição Silva<sup>2</sup>*

**RESUMO**

Este texto discute a experiência do Projeto “Samba na Escola: Cultura Popular e Educação Antirracista”, que desenvolve ações de educação para relações étnico-raciais, através da realização de rodas de samba e de conversa em escolas públicas de periferia nos estados do Amapá e Pará. Debates as experiências dos discentes com as hierarquias sociorraciais em uma sociedade estruturalmente racista; discutiremos o papel da extensão universitária, aliada à cultura popular, como estratégia para se abordar temas relacionados às diversidades étnico-raciais e culturais no espaço escolar, no contexto atual, em que forças neoconservadoras buscam interditar o debate público sobre estes temas. Em nossas conclusões afirmamos que apesar do avanço destas forças nos últimos anos, a escola ainda não foi encapsulada nos discursos de ódio e de ataque às minorias, pelo contrário, continua sendo um espaço em que a disputa entre concepções antagônicas de mundo, que buscam se hegemonizar, se manifesta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Samba. Educação Antirracista. Cultura Popular.

**RESUMEN**

Este texto discute la experiencia del proyecto "Samba en la Escuela: Cultura Popular y Educación Antirracista", que desarrolla acciones educativas para las relaciones étnico-raciales, a través de la realización de círculos de samba y de conversación en escuelas públicas de barrios periféricos en los estados de Amapá y Pará. Debates las experiencias de los estudiantes con las jerarquías socio-raciales en una sociedad estructuralmente racista; discutiremos el papel de la extensión universitaria, aliada a la

<sup>1</sup> Doutor em Educação. Universidade Federal do Amapá, Macapá, Amapá, Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia. Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil.

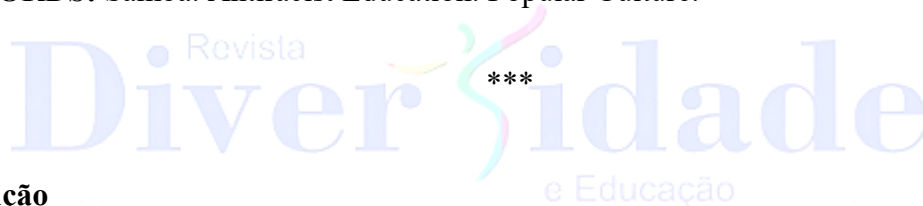
cultura popular, como estratégia para abordar temas relacionados con las diversidades étnico-raciales y culturales en el espacio escolar, en el contexto actual, donde las fuerzas neoconservadoras buscan impedir el debate público sobre estos temas. En nuestras conclusiones afirmamos que, a pesar del avance de estas fuerzas en los últimos años, la escuela aún no ha sido tomada por los discursos de odio y ataques a las minorías, por el contrario, sigue siendo un espacio en el que la disputa entre concepciones antagónicas del mundo, que buscan hegemonizarse, se manifiesta

**Palabras clave:** Samba; Educación Antirracista; Cultura Popular.

## ABSTRACT

This text discusses the experience of the Project “Samba at School: Popular Culture and Antiracist Education”, which develops educational activities related to ethnic-racial relations through samba circles and conversation groups held in public schools in peripheral areas of the states of Amapá and Pará. We examine students' experiences with social and racial hierarchies in a structurally racist society; and we discuss the role of university outreach, combined with popular culture as a strategy for addressing ethnic-racial and cultural diversity in schools. This takes place in a current context where neoconservative forces seek to suppress public debate on these issues. In our conclusions, we argue that despite the rise of such forces in recent years, schools have not yet been fully consumed by hate speech and attacks on minorities, instead they continue to be spaces where the struggle between antagonistic worldviews, seeking to hegemonize themselves, is manifested.

**KEYWORDS:** Samba. Antiracist Education. Popular Culture.



## Introdução

Este trabalho relata e analisa as ações realizadas pelo projeto de extensão universitária “Samba na Escola: Cultura Popular e Educação Antirracista”. Trata-se de uma iniciativa que reúne docentes e discentes de duas instituições federais da Amazônia, a Universidade Federal do Pará – UFPA e a Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, desenvolvendo práticas de educação para as relações étnico-raciais em escolas públicas, situadas em bairros de periferia na região metropolitana de Belém-PA e em Macapá-AP.

O projeto parte da história do Samba como instrumento de conscientização e sensibilização, por se tratar de um dos mais antigos gêneros da música popular brasileira e que, desde sua origem, proveniente dos antigos batuques trazidos pelos africanos que vieram escravizados para o Brasil, até os dias de hoje, carrega elementos que podem ser utilizados na construção de modelos educacionais antirracistas.

Na prática, o projeto consiste na realização de Rodas de Samba no interior das escolas, contando com a presença de sambistas renomados de ambos estados envolvidos,

Pará e Amapá, contudo, o repertório selecionado para ser apresentado às comunidades escolares remete à afirmação da identidade negra, à contribuição africana para a cultura brasileira, à luta abolicionista da população negra escravizada, a resistência negra, dentre outros.

Intercalando os números musicais, ocorrem momentos de diálogo com os coordenadores do projeto, debatendo temas como racismo estrutural, violência policial, antirracismo e igualdade racial, possibilitando não somente um momento de lazer e descontração aos adolescentes, mas, também, de reflexão, análise crítica e partilha de experiências.

Ademais, nos momentos de diálogo, busca-se debater aspectos da história do samba e da biografia de alguns de seus principais compositores/as, instrumentistas e intérpretes, como Donga, João da baiana, Pixinguinha, Clementina de Jesus, Jovelina Pérola Negra, Dona Ivone Lara, Cartola, entre outros/as, discutindo como estas pessoas, apesar do inocultável talento e relevância para a música brasileira, foram vítimas de racismo ao longo de toda a sua vida, o que possibilita ao público participante a refletir sobre este sistema de opressão e marginalização.

Finalizando a atividade, os/as estudantes são convidados a compor um novo samba, cuja letra aborde os temas tratados na roda de conversa. Então, as/os participantes sugerem palavras, frases e estrofes que são reunidas e musicadas pelos sambistas convidados. Após um breve ensaio, a oficina se encerra com a comunidade escolar cantando a canção que acabara de criar. Posteriormente, estas obras são gravadas em estúdio pelos músicos do projeto e o registro fonográfico é entregue às escolas participantes.

O Samba na Escola tem se mostrado uma valiosa estratégia para se debater as relações étnico-raciais em contextos escolares, aliando a produção artística à reflexão crítica. Dito isto, neste texto, não pretendemos meramente narrar os acontecimentos, mas sim, analisar os aspectos que consideramos os mais pertinentes desta ação pedagógica, a saber: Levantar o debate sobre as experiências dos discentes com as hierarquias sociorraciais em uma sociedade estruturalmente racista; analisar os temas que as comunidades escolares escolheram abordar nos sambas que compuseram; e discutir a utilização da cultura popular, como estratégia para se debater temas relacionados às diversidades étnicas, raciais e culturais no espaço escolar, no contexto atual, em que forças neoconservadoras e reacionárias buscam interditar o debate público sobre estes temas.

## Educação Antirracista e Roda de Samba

Em 2025, o Samba na Escola entra em seu terceiro ano de atividade, alcançando escolas das redes municipais e estaduais de ensino do Amapá e do Pará. Neste texto, abordaremos a experiência de trabalho e as reflexões dela procedentes, durante a execução do projeto nas cidades de Belém, capital paraense, e Ananindeua, município vizinho, onde, ao todo, quatro escolas públicas foram atendidas, atendendo cerca de 120 estudantes.

O projeto, como já afirmamos, busca desenvolver ações de educação para as relações étnico-raciais em escolas públicas de periferia, utilizando a linguagem do samba, aliando a cultura popular à prática educativa, por meio de ações extensionistas. Buscamos representar nossos objetivos e a finalidade da iniciativa por meio da identidade visual que apresentamos a seguir.



**Fonte:** Acervo do projeto

Antes de iniciarmos as visitas às escolas parceiras, houve um longo período de preparação da equipe, abrangendo os aspectos formativos, pedagógicos, musicais e administrativos do projeto. A equipe de formadores precisou estudar o Pensamento Negro Brasileiro, como forma de compreender raça e racismo e seus impactos na população negra brasileira e nas desigualdades raciais; estudou também a história do samba, bem como a bibliografia de algumas das personalidades negras responsáveis pela criação, desenvolvimento e perpetuação deste que é um dos gêneros populares mais importantes da música brasileira.

Ademais, foi necessário construir um roteiro metodológico para a atividade, o qual aborda a história do samba, vinculada à história da escravidão negra no Brasil, da diáspora africana, da constituição da estrutura racista da sociedade brasileira, mas também, evidencia as lutas abolicionistas, a constituição do movimento negro no Brasil, a defesa contemporânea da igualdade racial, por meio das lutas antirracistas atuais.

Após a definição do escopo da formação, foi necessário selecionar, arranjar e ensaiar um repertório de sambas que abordassem os temas a serem discutidos, para que servissem de motivadores dos debates que pretendíamos levantar. Deste modo, foram selecionadas as seguintes músicas:

**TABELA 1:**  
Repertório apresentado nas rodas realizadas nas escolas

Música	Compositor/a/es/as	Trecho
Sorriso Negro	Dona Ivone Lara	Um sorriso negro/ um abraço negro/ Traz felicidade/ Negro sem emprego/ fica sem sossego/ Negro é a raiz da liberdade.
O canto das três raças	Mauro Duarte / Paulo Cesar Pinheiro	Negro entoou/ um canto de revolta pelos ares/ Do Quilombo dos Palmares / Onde se refugiou.
Olhos Coloridos	Macau	Meu cabelo enrolado/ Todos querem imitar/ Eles estão baratinados/ Também querem enrolar.
Elos da Raça	Jovelina Pérola Negra	Pra que tanto preconceito/ Está no sangue/ Não tem mesmo jeito/ O samba merece respeito/ Seja aonde for.
Kizomba, a festa da raça	Martinho da Vila	Valeu Zumbi/ O grito forte de Palmares/ Que correu terra, céus e mares/ Influenciando a abolição.
Dia de Graça	Candeia	Negro, acorda/ É hora de acordar/ Não negue a raça/ Torne toda manhã dia de graça.

Fonte: Elaborada pelos autores

A primeira instituição a receber as atividades do projeto foi a Escola Estadual Antônio Carlos Gomes da Costa, a qual possui a peculiaridade de ser destinada à escolarização de adolescentes em conflito com a lei, deste modo, as atividades de ensino são realizadas no interior do Centro Juvenil Masculino – CJM, unidade socioeducativa de privação de liberdade, localizada no município de Ananindeua, estado do Pará. O público-alvo desta primeira roda de samba e de conversa foram adolescentes internados com faixa etária que variava entre 12 e 15 anos.

Foi uma experiência emocionante e desafiadora, pois a grande maioria dos adolescentes que estavam ali cumprindo medida de internação naquela ocasião, eram

negros, confirmando o que muitos estudos já debateram ao denunciarem o papel que a estrutura racista e desigual da sociedade brasileira cumpre no processo de genocídio e encarceramento em massa da juventude preta, pobre e periférica.

Morgana Pereira (2021, p. 178), por exemplo, debate o papel do Estado Brasileiro que, por meio de políticas de segurança pública eminentemente racistas, promove um *apartheid* social, reforçando o imaginário do negro como ameaça constante. Diz a autora que a criação dessa suposta ameaça à segurança pública ou desse inimigo ficcional “[...] funciona como um mecanismo para estabelecer, no cenário social brasileiro, uma situação que torne “aceitável” ou “necessária” a conduta assassina do Estado”.

A autora chama atenção para a violência estrutural no sistema socioeducativo brasileiro, destacando que a doutrina da proteção integral para os adolescentes que praticam atos infracionais, não foi assimilada totalmente na aplicação das medidas, ademais, há uma visão distorcida da sociedade sobre a temática, imperando uma cultura de opressão que se manifesta no cenário atual (Pereira, 2021).

Ao realizarmos a roda de samba e de conversa no interior da unidade socioeducativa, pretendíamos debater com os garotos e ajudá-los a identificar como o racismo se manifestou nas suas trajetórias de vida, influenciando, possivelmente, nos rumos que os conduziram ao ato infracional.

Por isso, convém destacar as bases teóricas que nos ajudaram a compreender esse fenômeno e debater com as comunidades escolares. Nesse sentido, um intelectual fundamental foi Kabenguele Munanga (2004), para quem o racismo é uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças, levando em consideração características morais, culturais, intelectuais e estéticas. Para o autor, os elementos dessa hierarquização sobreviveram ao tempo a aos progressos da ciência e se mantêm ainda intactos no imaginário coletivo das novas gerações.

Além disso, o racismo continua estruturando a organização de sociedades multirraciais, como a brasileira, onde se identifica uma divisão racial do trabalho, uma estruturação racial das desigualdades, a variável racial respondendo por diversos indicadores sociais, como nos dados de homicídios, nos dados de acesso aos direitos mais básicos como saúde, educação, renda, dentre outros.

Em conclusão semelhante, Stuart Hall (2003, p. 69) afirma que a lógica discursiva do racismo “[...] tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em torno de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza”. Deste modo, diz



o autor, raça é uma construção social e política, uma categoria discursiva na qual se organiza um sistema de poder socioeconômico de exploração e exclusão.

Ao longo da roda, ao passo que cantávamos as músicas e apresentávamos o tema, os adolescentes e servidores passaram a se manifestar, com destaque à servidora na imagem abaixo, que afirmou que só muito recentemente passou a se autodeclarar como uma mulher negra e narrou também diferentes episódios em que foi vítima de discriminação por sua aparência e condição socioeconômica, que só posteriormente ela pode perceber e nomear como racismo. A servidora também confessou, corajosamente, que já houvera reproduzido comportamentos racistas perante os adolescentes internados na unidade.

**FIGURA 2:** Samba na Escola no Centro Juvenil Masculino - CJM



**Fonte:** Acervo do projeto

Como sabiamente elucubrou Lélia Gonzalez (1988, p. 134), ao falar do processo de descoberta da negritude por mulheres negras: “[...] a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha, etc., mas tornar-se negra é uma conquista”. Na roda de conversa, aquela servidora narrou o seu processo de descoberta e as contradições que lhes foram inerentes, fazendo daquele instante um momento emocionante de partilha e reflexão e fazendo-nos compreender que não se trata de um processo individual somente, mas coletivo, dizendo respeito a todo o grupo negro.

Quanto aos estudantes, foi notório o fascínio deles desde os primeiros momentos da roda, inicialmente com os instrumentos, posteriormente, com a música propriamente. Mas foi muito interessante percebermos a escuta atenciosa nos momentos em que passávamos a debater os assuntos contidos nas letras das músicas, relacionando-os aos

temas das relações étnico-raciais. Eles faziam questão de estabelecer relações com os conteúdos escolares que estavam acessando na medida socioeducativa, o que é facilmente compreensível, tendo em vista que, de acordo com a coordenação pedagógica da escola, todos eles ou estavam fora da escola ou com profunda distinção série/idade no momento em que infracionaram.

Enquanto discutíamos o colonialismo europeu e a diáspora africana, os estudantes entrevistados bastante, dizendo que estavam estudando o tema nas aulas de história e geografia. Animados, ficaram muito compenetrados quando passamos a discutir os efeitos destes dois processos históricos na representação social do negro e na desumanização radical que os europeus submeteram a população de África, como afirma o filósofo Renato Nogueira (2014):

Vale a pena registrar que uma especificidade do racismo antinegro é a desumanização radical que se transforma em zoomorfização sistemática. Os povos negros foram interpretados pelos europeus como criaturas sem alma, animalizados, tomados como coisas. O eurocentrismo colonial dividiu os seres humanos em raças e desqualificou todos os povos não europeus; mas isso incluiu algumas gradações. E, sem dúvida, os povos africanos foram designados pelo eurocentrismo como os menos desenvolvidos. A zoomorfização sistemática desses povos foi um elemento decisivo para embasar a escravização negra (Nogueira, 2014, p. 25).

Quando começamos a debater os efeitos contemporâneos destes processos, os adolescentes passaram a partilhar suas experiências pessoais, narrando como eram marginalizados e hostilizados nas suas escolas e comunidades, como, mesmo antes de se envolverem em contravenções, já eram vítimas de “olhares tortos” e “enquadros da polícia”, fazendo da roda de conversa um espaço de muita emoção e sensibilização ao tema. Convém reforçar que a faixa etária destes meninos variava entre 12 e 15 anos.

Os relatos dos internos argumentam a favor do que já tem sido afirmado sobre as experiências pessoais que refletem os indicadores gerais de desigualdades, racismo estrutural e pobreza, como marcas da iniquidade geracional (Gabriel; Castro; Lara, 2019) a que estão submetidas as juventudes brasileiras, de abandono pelo Estado, marcadas pela violência de diferentes formas (Silva; Castro; Pereira, 2023).

No último momento da atividade, a composição do novo samba, a participação dos estudantes foi massiva, pois, os percussionistas envolvidos na apresentação levaram instrumentos extras e os entregaram aos adolescentes, o que os encheu de entusiasmo.



Após poucos minutos, estava terminado o “Louvor a Cor”, letra composta pelos estudantes e musicada pela equipe de músicos.

### **“Louvor à Cor”<sup>3</sup>**

“Andar de cabeça erguida/ Eu sou um negro e não vou ser humilhado/  
A vida do negro é muito bonita/ Na minha história, eu dou muito valor/  
Na minha comunidade/ eu vou andar de cabeça erguida/  
E no meu pandeiro vou falar de amor/  
Assim vou louvando a minha cor”.

Duas observações sobre a canção composta pelos estudantes da Escola Antônio Carlos Gomes da Costa. Primeiramente, sobre o título da obra, notamos que o “Louvor” faz referência à influência da religiosidade neopentecostal, tendo em vista que muitos adolescentes internados se tornam devotos dessa orientação religiosa, dada a presença constante de líderes religiosos nos espaços de privação de liberdade, como demonstra o estudo de Simões (2012). Contudo, concluímos que os meninos, após os debates realizados na roda, decidem remeter o conceito à afirmação de sua negritude, o que denota que as reflexões levantadas na atividade auxiliaram na compreensão das dinâmicas racistas às quais eles estão submetidos.

Outro aspecto que nos chamou atenção foi a duplicidade do verso “andar de cabeça erguida”, porém fomos alertados pela equipe pedagógica da escola que a oração faz referência ao desejo que os estudantes possuem de retornarem às suas comunidades de origem e se reinserirem socialmente, deixando no passado o envolvimento com atos infracionais. Muito interessante sentido de “erguer a cabeça” e a crença nessa possibilidade.

Realizar tal ação em uma unidade socioeducativa de privação de liberdade foi muito significativo para a nossa equipe, pois nos possibilitou levantar estas reflexões a um dos grupos mais atingidos e vulnerabilizados pela estrutura racista da sociedade brasileira, adolescentes e jovens negros em conflito com a lei.

### **Roda de Samba, Roda de Saberes**

---

<sup>3</sup>Disponível

[https://www.youtube.com/watch?v=NjZPlqNU7PU&list=RDNjZPlqNU7PU&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=NjZPlqNU7PU&list=RDNjZPlqNU7PU&start_radio=1)

em:

As rodas e as escolas de samba são espaços de socialização permeados por processos educativos não-formais que carregam elementos fundamentais à construção de modelos educacionais antirracistas, desde a sociabilidade marcada pela circularidade, as letras e enredos que narram temas como a vasta contribuição africana e afro-brasileira ao país e a resistência da população negra à escravização e ao racismo contemporâneo, etc.

Gordo (2015) visualiza na escola de samba um ambiente favorável à ocorrência da educação pelo fato de:

[...] exercer um poder atrativo sobre as pessoas, mediado principalmente pela arte e o uso da criatividade; contar com a presença da família; registrar baixos índices de evasão das oficinas; proporcionar uma grande circulação de pessoas com diferentes formações e saberes; possibilitar o diálogo entre os conteúdos estudados na escola com os saberes da escola de samba; proporcionar aos alunos vivências na arte e na cultura popular de uma forma mais densa, entre outros (Gordo, 2015 s/p).

Constatamos exatamente isso ao realizarmos o Samba na Escola no bairro do Guamá, periferia de Belém, junto ao corpo discente da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Zacharias de Assumpção. A referida comunidade é uma das mais populosas da capital paraense e é reconhecida como um território que conta com a atuação de diversos grupos de cultura popular, que dinamizam a vida do bairro e salvaguardam os direitos culturais de crianças adolescentes e jovens.

Para nossa grata surpresa, muitos discentes que participaram da roda de conversa eram “crias” do Bole Bole<sup>4</sup>, Escola de Samba muito popular no bairro. Deste modo, estes adolescentes e jovens assumiram os instrumentos de percussão e tocaram conosco a roda inteira. Foi um momento muito bonito, pois presenciamos o que vem sendo afirmado por inúmeros trabalhos de pesquisa há tempos, e que também é a razão da existência do projeto Samba na Escola: A cultura Popular é o berço de processos educativos que auxiliam na formação cultural de crianças, adolescentes e jovens, promovendo o fortalecimento de sua identidade étnico-racial.

---

<sup>4</sup> A Associação Carnavalesca Bole-Bole, segundo Gordo e Silva (2017, p. 166), enraizada no populoso bairro do Guamá, mais especificamente na passagem Pedreirinha, foi fundada em 02.02.1984. “Apesar da pouca idade no que concerne às escolas mais antigas e tradicionais de Belém, a história da Bole-Bole se confunde com a história atual do carnaval paraense e já apresenta uma forte identidade e relação de pertencimento com sua comunidade, principalmente por possuir uma sede que serve de retaguarda, proporcionar atividades de emprego e renda e, por seu envolvimento com a cultura regional e popular paraense”.

**FIGURA 3:** Samba na Escola na E.E.E.F.M. Zacharias de Assumpção



**Fonte:** Acervo do projeto

Conforme Abib (2005, p. 2015), o universo da cultura popular é um campo rico e diversificado, onde saberes são abrigados na oralidade e na ritualidade e remetem a uma ancestralidade que se relaciona com a “[...] “história não contada” dos derrotados, aos processos identitários das camadas subalternas da nossa sociedade, ao *ethos* do povo oprimido; enfim, à cultura dos excluídos do nosso país”.

Talvez por isso esses adolescentes demonstraram certa fluência com os temas que apresentamos ao longo da roda, bem como com o cancionário que cantamos. Eles já haviam sido apresentados àqueles saberes na escola de samba. Isso se confirmou quando eles se manifestaram e falaram da importância do Bole-Bole para suas vidas. A agremiação era um espaço de acolhimento e vida comunitária, aliás, como bem afirmou Abib (2005), a vida em comunidade é uma das principais características das culturas populares.

Na hora de compor o novo samba, os/as estudantes resolveram homenagear os batuques que, não só a escola de samba, mas também outros grupos de cultura popular, realizam no bairro e assim fizeram o “Tambor da Periferia”.

### **Tambor da Periferia<sup>5</sup>**

O negócio tá preto/ Quer dizer que tá bom/

<sup>5</sup>Disponível

[https://www.youtube.com/watch?v=kX447IQHgDQ&list=RDkX447IQHgDQ&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=kX447IQHgDQ&list=RDkX447IQHgDQ&start_radio=1)

em:

E na periferia/ Ouço o som do tambor/  
No fim de tarde/ O lazer começou/  
Veio a comunidade/ Quando o samba esquentou/  
O samba entoou/ E o povo dançou/ E nesse gingado/ A noite chegou/  
E veio, então/ A euforia/ E o povo que foi triste/ Hoje é só alegria.

Da letra composta pelos/as participantes, destacamos os dois primeiros versos: “O negócio tá preto/ Quer dizer que tá bom”. A turma sintetizou brilhantemente o debate que fizemos sobre a necessidade de ressignificarmos as representações negativas que foram impostas a tudo que remete à cultura e à identidade negra, bem como a importância de descolonizarmos a linguagem, que foi/é historicamente, instrumento de dominação.

Neste sentido, essa experiência demonstrou que as comunidades escolares estão abertas para debater estas questões, necessitando, então, o desenvolvimento de mais ações que debatam tais temáticas. Gomes (2017) denuncia a lentidão do Estado brasileiro em implementar na escola práticas pedagógicas e curriculares que visem o reconhecimento da diversidade étnico-racial e o tratamento digno da questão racial e do povo negro no cotidiano escolar. Consequentemente, mesmo a educação sendo um direito social, acaba sendo marcada pela desigualdade sociorracial acirrada no contexto da globalização capitalista.

Contudo, se a escola titubeia no que diz respeito à implementação de ações antirracistas, a escola de samba, aparentemente, serve como espaço formativo de adolescentes e jovens para o debate racial, pelo menos foi o que ficou evidente nesta ação pedagógica. Como já disseram Henry Giroux e Roger Simon (2013), a cultura popular revela aspectos de um contradiscurso útil na organização de lutas contra relações de dominação.

### **Samba na Escola *versus* Neoconservadorismo**

A terceira instituição que recebeu a caravana do Samba na Escola foi a sede da antiga Fundação Centro de Referência em Educação Ambiental Escola Bosque “Professor Eidorfe Moreira”. Popularmente conhecida como Escola Bosque, a instituição atendia alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental, EJA e o Ensino Médio Técnico Profissionalizante, tendo como eixo norteador a prática pedagógica da Educação Ambiental.

Vinculada à prefeitura de Belém, a Escola Bosque desenvolvia suas atividades em territórios ribeirinhos, bem como nas ilhas que circundam a capital paraense. Sua sede, onde realizamos a roda de samba e de conversa, estava localizada na Ilha de Caratateua, ou como é mais conhecida, Outeiro, desempenhando um trabalho fundamental nesta comunidade, que possui uma população muito empobrecida e vulnerabilizada<sup>6</sup>.

Ao longo da realização da roda, os/as adolescentes se manifestaram bastante e no momento de compor o novo samba, vários deles/as disseram que tinham o hábito da escrita literária, “escrevendo poesias”, aptidão que se evidenciou na letra que compuseram, onde homenagearam o samba e abordaram os principais temas que tratamos na roda de conversa.

### **Samba da Liberdade<sup>7</sup>**

Eu me arrepio/ Quando ouço um samba que fala de amor/  
De liberdade/ Que respeite a minha cor/  
E na folia que invade a alma da gente/ Na resistência, eu encontro o meu valor/  
No coração/ A emoção que toma conta da gente/  
A consciência, o respeito e o amor/  
Que nos liberta/ E que nos faz caminhar sempre à frente/  
É esse o hit que toca a gente com muita emoção.

### **FIGURA 4: Roda de samba na Escola Bosque**

---

<sup>6</sup> Convém destacar que, no início de 2025, a atual gestão da prefeitura de Belém, comandada pelo Prefeito Igor Normando (MDB), acompanhada de uma parcela dos vereadores da cidade, encabeçou um processo de extinção da Fundação, dentro da Reforma Administrativa e sob a falácia neoliberal que se manifesta no discurso do “corte de gastos”. Mesmo sob forte pressão popular, liderada pelos comunitários da Ilha de Caratateua, trabalhadores/as da educação e militantes das causas ambientais, a extinção foi concretizada em fevereiro de 2025, sendo a escola incorporada à Secretaria Municipal de Educação.

<sup>7</sup>Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WeDgvGN3\\_Y](https://www.youtube.com/watch?v=WeDgvGN3_Y)



**Fonte:** Acervo do projeto

Mais uma vez, muito bem recebidos pela comunidade escolar, atestamos que, apesar do avanço de forças neoconservadoras nos últimos anos, a escola ainda não foi encapsulada nos discursos de ódio e de ataque às minorias, pelo contrário, continua sendo um espaço em que a disputa entre antagônicas concepções de mundo, que buscam se hegemonizar, se manifesta.

Embora, ao longo de nossa experiência de trabalho com o Samba na Escola, tenhamos observado que os/as estudantes e a comunidade escolar estão muito dispostos a fazer daquele espaço um ambiente intercultural, concordamos com Miguel Arroyo (2014), quando assevera que a educação tem participado diretamente na construção e preservação de representações segregadoras e inferiorizantes, pois as teorias pedagógicas, de formação, aprendizagem foram construídas atreladas aos padrões racializados de poder, conhecimento e trabalho. O autor também questiona o papel das teorias pedagógicas contemporâneas:

Se a raça e a identidade racial se constituíram em um instrumento de classificação, de dominação dos outros subalternizados, por que que as teorias pedagógicas, inclusive críticas, libertadoras, não tem dado a centralidade histórica e pedagógica que elas tiveram e tem em nossa formação? A conformação das categorias de superioridade/inferioridade, de dominação, subordinação/opressão social, política e no trabalho passam pela classificação social (Arroyo, 2014, p. 154).

Dito isto, é necessário que combatamos os discursos retrógrados e reacionários que tem buscado orientar a pratica pedagógica contemporaneamente, fortalecendo uma teoria pedagógica radicalmente crítica e intercultural e, a partir desta pedagogia radical, devemos desenvolver ações que qualifiquem toda a comunidade escolar para



compreender os mecanismos opressivos e exploratórios que se articulam no capitalismo contemporâneo, buscando transcender, em todos os níveis, este sistema de poder.

Neste sentido, nos debates que levantamos ao longo das rodas de conversa, buscamos transcender o discurso liberal que limita a análise da dinâmica racial no Brasil contemporâneo à mera esfera da representatividade. Nosso intuito sempre foi ajudar na compreensão do papel do racismo na construção da sociedade brasileira e como a hierarquia racial é um fator fundamental no modo como se estruturou a geopolítica global.

Vimos nos últimos anos no Brasil a mesma articulação que Michael Apple (2003) denunciou no início do séc. XXI nos Estados Unidos, a aliança entre setores da economia financeirizada que buscavam hegemonizar a cantilena neoliberal na gestão da política econômica estatal, com seguimentos reacionários, em especial, fundamentalistas religiosos, que se opõem aos recentes avanços no debate público no que diz respeito aos direitos humanos, em diferentes níveis, como direitos sexuais, direitos reprodutivos, igualdade de gênero e igualdade racial, etc.

Desta agremiação se estruturou uma força de extrema direita que tem conseguido pautar parte do debate público e impor à educação escolar uma concepção privatista, no que diz respeito à gestão pública deste direito social, e altamente reacionária, no que tange às sociedades multiculturais e ao debate sobre diversidade, igualdade e diferença.

O enfrentamento desta racionalidade passa pela afirmação de uma orientação pedagógica que articula, a partir destes desafios do tempo presente, a análise dos processos de economia política, atrelados às forças ideológicas representadas pelos segmentos sociais que buscam pautar o debate público com suas concepções neoconservadoras ou/e reacionárias.

O Samba na Escola surge desta inquietação, debater, de modo crítico e intercultural, os diferentes níveis de opressão e exploração que o racismo faz perdurar no tempo presente e como o modo de produção capitalista se instituiu e prevalece com essas dinâmicas. Buscamos desenvolver a educação antirracista atrelada a crítica anticapitalista, pois entendemos que a primeira, sem a segunda, recai nas ações inócuas de um social liberalismo, conforme a reflexão de Rodrigo Castelo (2013).

### **Culturas Populares e Direitos Culturais da Juventude Periférica**

Encerrando a primeira jornada do “Samba na Escola: Cultura Popular e Educação Antirracista”, estivemos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Stellina

Valmont, localizada no bairro da Terra Firme, outro território periférico de Belém com altíssima densidade demográfica.

Oficialmente, Montese é o nome da comunidade, em alusão a batalha ocorrida na Segunda Guerra Mundial que contou com participação da Força Expedicionária Brasileira, contudo, no imaginário social da cidade, se impôs a Terra Firme, cunhado pelos primeiros residentes e fruto da ironia com o fato do local ser majoritariamente composto por áreas alagadas, provenientes do rio Tucunduba e seus afluentes, o que obrigava a população a viver em palafitas ou aterrar a região.

**FIGURA 5:** Samba na Escola Municipal Stellina Valmont



Fonte: Acervo do Projeto Educação

Na escola, realizamos a atividade com estudantes do 9º ano do ensino fundamental e ocorreu uma situação curiosa. Espontaneamente, ao longo da conversa, a turma trouxe a experiência de espaços de cultura popular que em seu bairro debatiam temas relacionados às relações étnico-raciais. Então sugerimos que o samba que comporiam homenageasse esses lugares e a comunidade em geral. Para servir de exemplo, apresentamos a eles ao samba “O meu lugar”, de autoria de Arlindo Cruz e Mauro Diniz, onde os compositores reverenciam o bairro de Madureira, situado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

Assim surgiu a canção “A Terra Firme é o Meu Lugar”, onde os/as alunos/as prestam homenagem ao seu bairro, à sua escola e aos espaços de cultura popular que atuam na comunidade.

### **A Terra Firme é o Meu Lugar<sup>8</sup>**

Sou de um lugar que é muito firme/ O Cineclube TF já fez até filme/  
No Tucunduba/ eu vou me banhar/ Empinar uma pipa e depois descansar/  
No Stellina é onde eu vou estudar/ E depois jogar bola só pra relaxar/  
Sou de um lugar que é muito firme/ O Cineclube TF já fez até filme/  
Tomar um açaí e depois me embalar/ Ir no Boi Marronzinho e capoeira brincar/  
Dessa periferia é que eu vou lhe falar/  
Eu sou da terra firme/ Este é o meu lugar

O Cineclube Tela Firme, reverenciado na letra da canção é, nas palavras de Santos (2022, p. 15), “[...] um coletivo de mídia alternativa que tem como um de seus objetivos a democratização da informação no qual articula, mobiliza e reúne pautas da população do Bairro da Terra Firme, que valorizam as culturas das periferias que circulam e se afirmam nesse bairro”. Segundo a autora, o coletivo também atua no campo educacional, enfocando na garantia dos direitos humanos, em especial, a luta contra o extermínio da juventude negra. Para isso, organiza atividades de caráter formativo, como palestras e mostras dos vídeos produzidos pelo grupo.

Conforme o trabalho de Jetur Castro e Oswaldo Almeida Jr. (2023), a “Associação Cultural do Boi Marronzinho”, também lembrada na canção pelos/as estudantes, é uma organização comunitária fundada em 1993, conhecida por ser uma promotora da cultura popular amazônica. Segundo os autores, a associação enfoca na formação sociocultural da comunidade local, oferecendo não apenas expressões culturais, mas também educação ambiental e a promoção da sustentabilidade. O grupo realiza diversas atividades que abarcam desde o cortejo realizado pelas ruas do bairro da Terra Firme, até as oficinas promovidas pela organização e sua participação em pautas que envolvem diálogos com a comunidade.

Já o verso “e capoeira brincar” faz referência à Associação Cultural Eu Sou Angoleiro que, de acordo com Marinho e Mota-Neto (2024), desenvolve suas atividades com crianças e adolescentes, em sua maioria negras, da Terra Firme, desde o ano de 2013.

O Eu Sou Angoleiro, firmado na periferia, trabalha além dos elementos que fundamentam a Capoeira Angola - ancestralidade, oralidade, ritualidade, memória coletiva e pertença comunitária, outros temas, a exemplo, da história dessa prática cultural e a

<sup>8</sup>Disponível

[https://www.youtube.com/watch?v=8tG1LEA0hTg&list=RD8tG1LEA0hTg&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=8tG1LEA0hTg&list=RD8tG1LEA0hTg&start_radio=1)

em:

reflexão sobre a realidade das periferias no Brasil e, sobretudo, na Amazônia, como: a falta de saneamento, o desmonte da educação pública, o desemprego, o racismo, o racismo ambiental, o extermínio da juventude negra, além dos casos recorrentes de machismo e feminicídio. Consideramos, assim, que a Capoeira Angola, ainda hoje, por meio de seus processos educativos múltiplos e como uma manifestação do povo negro, nos subsidia para enfrentarmos essas ausências e violências agenciadas pelo Estado e pela matriz colonial, além de promover pertença comunitária em seus participantes (Marinho; Mota-Neto, 2024, p. 2165).

Após pesquisarmos os trabalhos desempenhados por esses três coletivos populares, compreendemos a deferência realizada pelos/as estudantes da Escola Maria Stellina Valmont. São espaços que salvaguardam, defendem e lutam em prol da garantia dos direitos culturais da população do bairro da Terra Firme, em especial da juventude.

Como afirma Cunha Filho (2018), para se assegurar os direitos culturais é necessário que sejam implementadas políticas para este fim, as chamadas políticas culturais. Contudo, nas periferias urbanas, acessar os bens culturais advindos da produção cultural sistematizada é direito pouquíssimo assegurado. Obviamente, as desigualdades sociais e raciais são um marcador importante nestas dinâmicas que negam à juventude periférica estes acessos. Neste cenário, os grupos de cultura popular atuam como esses espaços de produção/difusão cultural e artística que possibilitam os/as jovens a terem convívio com expressões culturais mais variadas.

Neste cenário, em que a negação dos direitos culturais aparece como mais uma expressão da estrutura racista da sociedade brasileira, o projeto “Samba na Escola: Cultura Popular e Educação Antirracista” busca dar sua contribuição para dirimir este estado de coisas. Em síntese, como vimos, o projeto alia à educação para as relações étnico-raciais a difusão e a produção artística, possibilitando às/aos estudantes o momento de fruição e apreciação, além do momento de criação e composição.

Através desta estratégia, debatemos, com base na produção intelectual do pensamento negro brasileiro, as relações de poder que foram sendo instauradas a partir da hierarquização racial da sociedade brasileira e seus desdobramentos no modo de produção capitalista, que se manifestam por meio da precarização do ensino público ofertado às comunidades de periferia e por meio da negação dos direitos culturais da população que lá vive, em sua maioria, composta por pessoas negras.

## Considerações Finais

O projeto “Samba na Escola: Cultura Popular e Educação Antirracista” tem buscado ampliar o debate e a visibilidade sobre conteúdos da cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas, incentivando a pesquisa e a discussão sobre estes temas, através da história do samba e das letras deste cancioneiro. Ademais, a iniciativa busca incentivar o processo de criação artística dos/as estudantes, através da composição de sambas que tratem de temáticas voltadas ao antirracismo e às relações étnico-raciais no Brasil.

Este projeto integra o esforço de intelectuais, docentes e ativistas em prol da promoção de modelos educacionais antirracistas, que valorizem a diversidade étnico-racial e cultural do país, contribuindo para que o racismo seja extirpado da educação escolar e da sociedade brasileira como um todo.

Deste modo, nesta experiência de trabalho, o samba se constituiu como peça estratégica a ações práticas na perspectiva da lei 10.639/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, legislação que, mesmo após mais de duas décadas de aprovação, ainda enfrenta resistências para ser plenamente implementada na educação pública brasileira.

O desenvolvimento do projeto aponta para essa abertura epistemológica nas escolas, através do diálogo entre acadêmicos, sambistas e comunidade escolar em geral, se configurando em ações pedagógicas interculturais, aliando a cultura popular ao conhecimento escolar, além de fomentar o potencial artístico dos estudantes envolvidos e a divulgação da produção artística local.

Por fim, espera-se que com a continuidade do projeto, esse conjunto de ações e resultados gerem experiências, referências e eixos metodológicos para práticas de educação antirracista que possam ser replicados em outras escolas e comunidades.

## Referências

ABIB, Pedro. **Capoeira Angola**: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. Salvador: EDUFBA, 2015.

APPLE, Michael W. **Educando à direita**: mercado, padrões, Deus e desigualdades. Trad. Dinah de A. A. São Paulo: Cortez, 2003.

ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

CASTELO, Rodrigo. **O social liberalismo**: auge e crise na supremacia burguesa na era neoliberal. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

CASTRO, Jetur; ALMEIDA JR; Oswaldo. “Subvertendo espaços”: Mediação a informação, coletivos periféricos e contranarrativas à mídia hegemônica. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, e6563, novembro, 2023.

CUNHA FILHO, Humberto. **Teoria dos direitos culturais**: fundamentos e finalidades. São Paulo: Edições SESC, 2018.

GABRIEL, Carmen; CASTRO, Lúcia; LARA, Juliana. Os jovens e os velhos: uma atualização de um embate frente a algumas questões nacionais. **Desidades**, Rio de Janeiro. n. 23, p. 48-67, jun. 2019.

GIROUX, Henry; SIMON, Roger. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento escolar. In MOREIRA, Antonio Flavio; TADEU, Tomaz (ORGs). **Currículo, cultura e sociedade**. 12º ed. São Paulo: Cortez, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.

GORDO, Margarida. **A educação não-formal na escola de samba**. Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPEd, UFSC, Florianópolis, 04 a 08 de outubro de 2015.

GORDO, Margarida; SILVA, Herivelton. A Escola de Samba Bole-Bole em Belém/PA: história, comunidade e identidade. **Novos Cadernos NAEA**, v. 20, n. 2, p. 165-184, maio-ago, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. **Revista Isis Internacional**, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MARINHO, Alessandra; MOTA-NETO, João Colares. Pedagogia: processos educativos e luta antirracista a partir das vivências da Associação Cultural Eu Sou Angoleiro – Belém-PA. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 49, n.2, p. 1262-1277, maio/ago, 2024.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. In BRANDÃO, A. A. P. (Org), **Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira**. Niterói-RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004.

NOGUEIRA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas, Biblioteca Nacional, 2014.

PEREIRA, Morgana Paiva. A necropolítica e as medidas socioeducativas: o jovem negro em questão. **Revista da ABPN**, v. 13, n. 38, p. 171-198, 2021.

SANTOS, Ingrid Silva dos. **Educação popular na periferia de Belém: a experiência do Coletivo Tela Firme com as juventudes**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.



SILVA, Lúcia Isabel da Conceição; CASTRO, Lúcia. Rabello; PEREIRA, Alexandre. Juventudes na Amazônia: racismo, violências, desigualdades raciais e estratégias de enfrentamento. **Revista Cocar**, v. 16, p. 01-19, 2023.

SIMÕES, Pedro. Assistência religiosa no sistema socioeducativo: a visão dos operadores do direito. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 130-156, 2012.

Recebido em abril de 2025.

Aprovado em julho de 2025.